

MUNDO GRÁFICO



A hora
da
Saudade
liga todos
os
portugueses
do
Império



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o mundo acredita

Noticiário em Língua Portuguesa

Horas	Estações	Ondas curtas
12,45 noticiário	GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15 noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
	GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
14,30 actualidades	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
	GRX	30,96 m. (9,69 mc/s)
23,00 (*) noticiário	GSB	31,55 m. (9,51 mc/s)
23,15 (*) actualidades	GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades
ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros
(1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros
(200 kc/s).

Sumário

LUIS MOUNTBATTEN, biografia

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

LITERATURA INGLÊSA, por A. R.

REFLEXOS DO MUNDO

O ESFORÇO DE GUERRA DA GRAN-BRETANHA

ROOSEVELT, NOME DA VITÓRIA

CAVALARIA PORTUGUESA, por Manuel Martinho

AS RUINAS DE LUBECK

A HOLANDA EM PORTUGAL, por S. Saboya

A FONTE MONUMENTAL

OS GAROTOS DE LISBOA

NA HORA DA OFENSIVA

FIGURAS E FACTOS

OS ALIADOS NA GUERRA

MEMÓRIAS DE CHURCHILL

PARA OS FERIDOS DE GUERRA

QUAL DAS DUAS..., por António de Sediolos

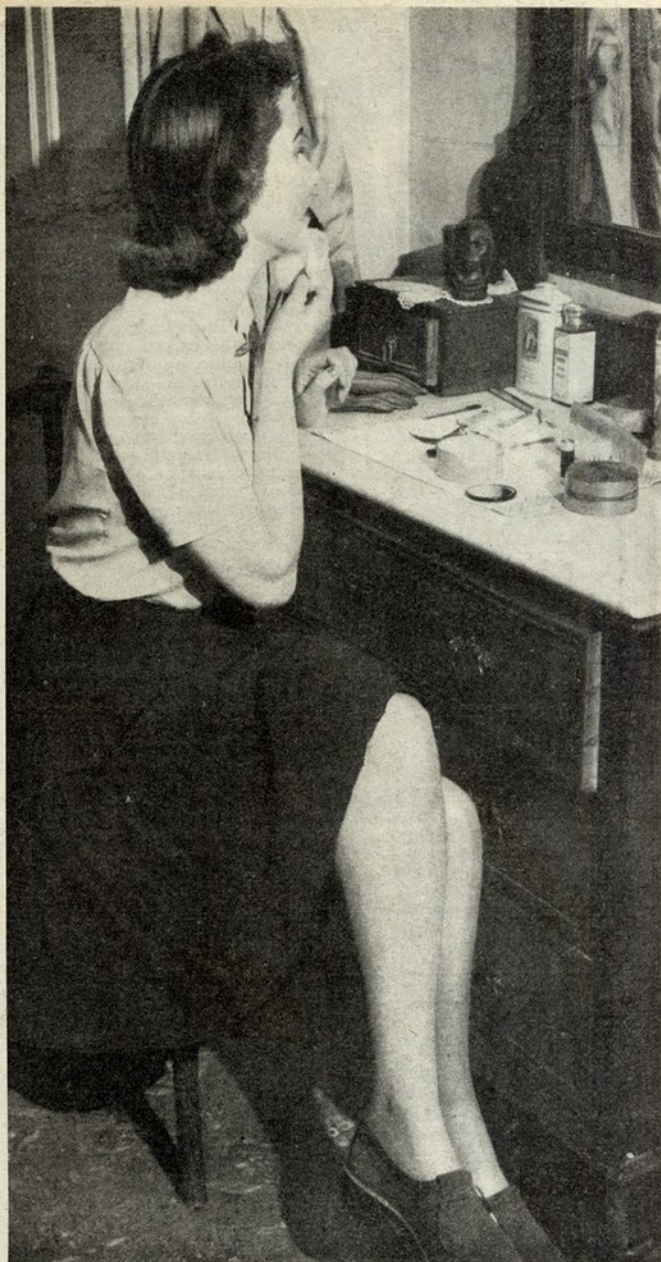
A VITÓRIA É UMA QUESTÃO DE TEMPO

A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão

BOLAS DE SABÃO, novela de Eugénio Vieira

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CINEMA, de A. L.



INTIMIDADE

**ATAQUE A
INDIGESTÃO**

DESTA MANEIRA
FÁCIL

**UMA DOR
UMA RENNIE
UM SORRISO!**

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, meta-as na boca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, verá-se livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Todas as farmácias as vendem.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

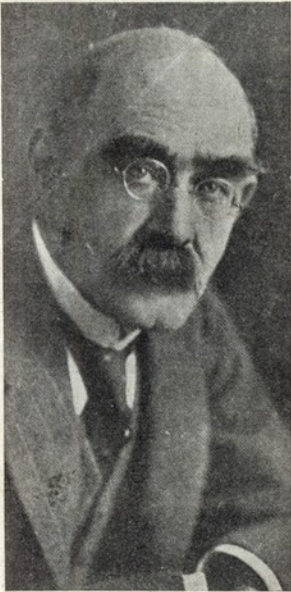
À venda em todas as farmácias e drogasias

**Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada**

RUA DA PRATA, 237
LISBOA

LITERATURA INGLÊSA

RUDYARD KIPLING



RUDYARD KIPLING foi dos mais ardentes defensores do imperialismo inglês. O poeta indo-britânico não pôde esquecer até ao fim da vida o

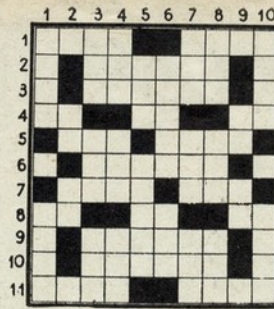
ambiente de tolerância e o sôpro da cultura que envolveram e formaram a sua mocidade.

É certo que, de regresso ao solo pátrio, algumas manifestações do seu estro refletem a paisagem e os costumes da terra que lhe fôra berço. Poder-se-ia, talvez, chamar a isso um fenómeno humano de regressão psíquica — uma revivência sentimental despertada pelo meio físico e moral em que decorrera a sua infância.

Kipling fizera, até aos dezasseis anos, os seus estudos no «United Service College», de Westward Ho, após os quais regressou a Bombaim, sua terra natal, onde se dedicou durante algum tempo ao jornalismo literário. É, pois, natural que um sentimento saudoso lhe fizesse evocar os seus primeiros anos já distantes.

Deu-se ainda com o contista de «A ladeira fantástica», um facto merecedor de relevo e ao qual, de-certo, se deve a «impersonalidade» que se nota na sua obra: fenómeno literário tido por certa crítica aziumenta como falta imperdoável de unidade de pensamento. Mas a crítica pode expandir os seus

(Continua na página 27)



PROBLEMA N.º 39

HORIZONTAIS

- 1 — Prestação — Saliência formada pelos tecidos duma peça de vestuário.
- 2 — Unia.
- 3 — APELIDO DO ALMIRANTE INGLÊS, 2.º «SEA-LORD» E CHEFE DO PESSOAL NAVAL.
- 4 — Alternativa — Pequeno rio de Portugal (Distrito de Aveiro) — Pronome reflexo.
- 5 — Perverso — Afecto.
- 6 — APELIDO DO VICE-ALMIRANTE, 3.º «SEA-LORD» E INSPECTOR DA MARINHA INGLÊSA.
- 7 — Lérias (inv.) — Cloreto de sódio.
- 8 — Polvilho — Dizigia-se — Artigo (pl.).
- 9 — APELIDO DO CONTRA-ALMIRANTE, 5.º «SEA-LORD» E CHEFE DOS SERVIÇOS DA AVIAÇÃO NAVAL BRITANICA.

- 10 — Dependente do modo como correr o ano.
- 11 — Local onde se secam e malham os cereais e legumes — Recurso.

VERTICAIS

- 1 — Pavimento — Espécie de sopa.
- 2 — Unidade — Isolado.
- 3 — Semelhante — Ansia — A parte da cozinha onde se acende o fogo.
- 5 — Naquele lugar — Espécie de boi selvagem — Qualquer algum (termo inglês), (inv.).
- 5 — Pau-ferro — Amacie.
- 6 — Colecção de mapas geográficos — Nome duma árvore, da ilha do Taiti, cuja madeira é usada para fazer ídolos.
- 7 — Sinal gráfico — Espaço de tempo — Epoca.
- 8 — Gaste — Agora — Abundância.
- 9 — Senhor — O lado do vento (náut.).
- 10 — Terra colorida que serve para pintura — Aparelho de montar a cavalo.



(Solução do problema n.º 38)



MESMO COM OS OLHOS FECHADOS!

RECONHEÇO PELO SEU AGRAVAVEL SABOR E AROMA QUE É UM CIGARRO FEITO COM PAPEL DE FUMAR

Smoking

REFLEXOS DO MUNDO



★ Dêste modo, os alemães podem ter tempo para a meditação e para o arrependimento

Churchill

UMA FIGURA ILUSTRE DA INGLATERRA

O doutor Thomas Bodkin

ENCONTRA-SE em Portugal o sr. dr. Thomas Bodkin, eminente crítico de arte e director do «Barber Institute». Membro do Royal Irish Academy, professor das Belas Artes da Universidade de Birmingham e membro da direcção dos Reais Museus da Bélgica, o sr. dr. Thomas Bodkin é um dos advogados e escritores mais famosos da Inglaterra. Além disso dirigiu a «National Gallery», da Irlanda, o que lhe dá uma especial autoridade em assuntos de arte. O sr. dr. Thomas Bodkin realizou uma conferência na Escola de Belas Artes do Porto sobre os grandes retratistas ingleses, outra na Faculda-

de de engenharia sobre arte medieval inglesa voltando a falar no primeiro daqueles estabelecimentos de ensino sobre a paisagem britânica.

Em Lisboa falou no Museu nacional de Arte Antiga sobre a arte medieval inglesa, efectuando mais duas conferências, uma no British Club e outra na Embaixada Britânica.

Ao dr. Bodkin foi oferecido um almôço de homenagem no Hotel Aviz, no qual se reuniram as mais altas figuras de intelectuais portugueses.

A chama eterna

Fugiu de Atenas, recentemente, o capitão de fragata Antonius Fara, juntamente com mais cinco oficiais da armada e dez do exército gre-

go. Num pequeno barco à vela percorreram as varias ilhas, que há milhares de anos serviam de mansão aos deuses e aos heróis. Durante 2 meses tiveram de defrontar as várias patrulhas costeiras do inimigo.

Chegaram, por fim, à ilha de Chipre, donde um contratorpedeiro britânico os levou para a Alexandria, encorporando-se nas valorosas forças gregas que ali se reuniram às tropas imperiais. A Grécia livre, heróica e imortal, tem nesse bravo grupo de oficiais um notável exemplo de amor-pátrio.

O capitão de fragata Antonius Fara fez um relatório circunstanciado das condições em que vivem os seus compatriotas sob o dominio dos invasores.

Tempestade na Europa



A América constro e passos agigantados a estrada da vitória a auto-

-estrada dessa gigantesca mecanização bélica. Verdadeiras esquadras estão saindo dos seus estaleiros. O seu exército cifra-se por milhões de homens. Fortalezas voadoras, tanks, canhões. Uma verdadeira tempestade sobre o mundo.

É impressionante a decisão com que os Estados Unidos entraram ao lado da Gran-Bretanha, à qual a une uma fraternidade tão íntima que as respectivas nacionalidades só pela bandeira se distinguem.

Num só dia — em 3 de Maio — os Estados Unidos lançaram à água, com intervalo de 15 minutos, quatro novos contra-torpedeiros.

Símbolo de vontade e decisão com que o país mais rico e potente do mundo entrou na luta!

Só com um braço

MacLackn, capitão-aviador de caça britânico, tem apenas um braço. Após disso, abateu, recentemente, um bombardeiro germânico sobre a França e avariou outro. Na noite de três do corrente, porém, superou as suas façanhas anteriores, destruiu dois aviões alemães.

Encontrava-se sobre um aeródromo inimigo, quando viu um «Heinkel 111», que planava a 600 metros de altura. Mal se lhe ofereceu oportunidade, abriu

fogo, obrigando o inimigo a despenhar-se em chamas.

Logo a seguir viu outro «Heinkel». Atacou-o imediatamente. Incendiado, o avião germânico percorreu ainda cinco quilómetros antes de ir morder o solo.

A guerra e o cinema

A guerra agitou profundamente os meios de Hollywood. Numerosos actores cinematográficos, vestiram já a farda e outros, concluídos os filmes, em que trabalharam seguir-lhes-ão as pisadas.

Na Marinha estão já alistados Douglas Fairbanks, Tony

Martin, Wayne Morris e Tyrone Pouw.

Melvyn Douglas trabalha na Repartição de Defesa Civil de Washington.

No exército incorporaram-se Jackie Coogan, Donato Reagar, Jeffrey Liun, Herbert Anderson, James Stewart, Croig Reynolds e William Holden.

Clark Gable pretendeu alistar-se, mas não foi aprovado pela Junta Médica. Errol Flynn foi igualmente rejeitado por... fraqueza cardíaca e Mickey Rooney alistar-se-à dentro em breve. Antes de representar a beleza na tela, as estrelas de Hollywood procuram primeiro viver, com beleza, a sua vida, contribuindo para a vitória da pátria.



para cuidar do seu cabelo é quanto basta! Uma fricção com o

Petróleo Químico Nally

mantém duradouramente o seu cabelo de boa saúde.

O Petróleo Químico Nally é o único remédio eficaz contra a caspa e contra a queda do cabelo.

22 elementos activos entram na sua composição.

Além da acção medicinal, deixa o cabelo sedoso e domável e com um perfume suave e persistente.



LUIZ MOUNTBATTEN ★

É um homem novo o chefe das operações combinadas na Gran-Bretanha. Tem pouco mais de quarenta anos, o que não impede que o seu nome seja justamente celebrado hoje em todos os cantos do Império. Tanto como a sua bravura inextinguível, é justa e admirada a sua perícia e a sua decisão. Quando o mundo inteiro vibrou perante a possibilidade de uma ofensiva capaz de apressar o termo de guerra e de conduzir esta a um fim vitorioso, o nome de Mountbatten é legitimamente apontado como o de um comandante capaz de levar os seus homens à vitória e à decisão. Por isso a sua indicação para o alto cargo que agora lhe foi confiado foi recebido com um agrado evidente não só nos meios militares ingleses e entre a opinião pública da Gran-Bretanha, mas nos países aliados do Império britânico e em todas as nações onde a causa britânica é avaliada justamente.

Lord Mountbatten, que tem actualmente quarenta e quatro anos, é primo do soberano britânico. Começou a sua carreira como oficial de marinha distinto e sabedor. Comandou o contratorpedeiro «Kelly» que se notabilizou em numerosas acções navais. O «Kelly» tomou parte na batalha do Canal que acompanhou a retirada de Dunquerque sendo, nessa altura, atingido por um tropédo pelo que teve de ser rebocado para um porto britânico e reparado.

Em Outubro de 1941, sucedeu ao almirante Sir Roger Keyes, com a designação de «Conselheiro para as operações combinadas» e em 13 de Março de 1942 foi finalmente nomeado «Chefe das operações combinadas», com o posto de vice-almirante e a categoria de tenente general e de marechal do Ar.

CRÓNICA INTERNACIONAL

MEDITAR E PREVER

O mundo espera, com ansiedade, que se desencadeiem as ofensivas da primavera. A expressão ofensiva parece mais ajustada do que a expressão ofensiva, pois se trata de um teatro de operações que abrange hoje praticamente todos os continentes e oceanos. Em que pontos se produzirão os ataques esperados? O episódio recente de Madagascar demonstra, com suficiente clareza, que o princípio da iniciativa deixou de ser apanágio de um dos grupos beligerantes. Esse episódio foi preparado no meio do maior segredo, outra característica que até há pouco era apontada como benefício exclusivo de uma das partes em causa.

A estratégia das potências signatárias do pacto tripartido não oferece segredos. Essas potências, para alcançar o êxito, teriam de realizar um destes objectivos: atacar o bastião avançado do poderio anglo-saxónico, a Inglaterra, que se mostra agora inacessível, ou estabelecer um sistema de comunicações eficaz, através do Próximo Oriente e da Índia, o que não é possível, devido às poderosas forças aliadas da Gran-Bretanha, dos Estados Unidos, da U. R. S. S. e da China, que asseguram as rotas marítimas e as grandes vias inter-continetais.

Qualquer que seja o brilho dos êxitos passados e a influência das máquinas de propaganda, qualquer que seja o peso das considerações restritas e o prestígio dos lugares comuns improvisados, o mundo é levado a reconhecer que a vantagem transitória dos armamentos acumulados não basta para superar um reservatório inexgotável de homens, de matérias primas, de recursos industriais que os aliados estão mobilizando para enfrentar o perigo mortal que ameaçava simultaneamente a sua segurança e a sua liberdade.

Colhidos no continente europeu e na Ásia Oriental os benefícios das ofensivas iniciais, a guerra relâmpago degenerou em guerra de desgaste, desgaste de soldados e de material, de imaginação e de nervos. Chegámos assim a uma fase da luta em que as probabilidades de vitória, depois de terem perdido nitidamente para um lado, se equilibraram e tendem a mudar o nível da balança em que os destinos da humanidade se jogam. A supremacia no mar, a existência dum sistema de comunicações eficaz são hoje as condições materiais dessa vitória. As condições espirituais são a decisão e a coragem, a unidade nacional e a visão dos dirigentes. Será supérfluo afirmar que a Gran-Bretanha, que em determinado momento soube afrontar sôzinha o peso da adversidade, possui agora mais do que em nenhum período do actual conflito, essas condições para levar a bom termo a tarefa gigantesca que o seu Primeiro Ministro definiu ao tomar conta do poder, em 10 de Maio de 1940.

Desaparecido o efeito de surpresa, perdida a vantagem da iniciativa, malgrado a guerra relâmpago os trunfos que inicialmente pareciam decidir da contenda mudaram de mãos. A surpresa reparte-se pelos dois campos, como a iniciativa. A guerra relâmpago é uma recordação que terá o seu lugar de honra nos arquivos da história militar. Os factores que hoje decidem são de outra natureza. Chamam-se potencial económico e recursos demográficos, valor das matérias primas e capacidade de produção. Juntamos a estes elementos essenciais uma noção que é verdadeira em todos os tempos e em todos os climas: nunca a bala inventada deixou de encontrar a réplica dum couraça capaz de lhe resistir. Dentro deste quadro verdadeiro todos terão margem larga para meditar e para prever.

O OBSERVADOR

A R. A. F. domina a Europa

A trovoadra estalou, finalmente, sobre a Europa. Seiscentos bombardeiros ingleses atravessam, diariamente o céu do velho continente, para deixar cair a sua terrível lava aérea sobre as cidades industriais da Alemanha. Os efêmeros raids de represálias não deram resultado. A R. A. F. continua actuando em força, duplicando o seu potencial de dinamite. Supôs alguém que os ingleses sôzinhos em 1940, na sua Ilha, olhando o continente europeu ocupado, recuariam, em virtude disso, nos seus empreendimentos de guerra? E' desconhecer o carácter britânico, o seu heroísmo sem palavras, nem fanfarras.

A voz de Churchill

Churchill falou. É já o discurso da vitória ou, pelo menos, o do seu pronunciamento claro e decisivo. Ante uma Alemanha que manifesta o seu temor pelos bombardeamentos da R. A. F., sem lhe poder retribuir os golpes, e que não consegue estancar a sua hemorragia na frente Leste, Churchill levanta-se, implacável, e evocando como a Inglaterra, calada e valorosa, resistiu aos ataques aéreos, exclama:

«Saúdo como exemplo duma divina e sublime justiça o facto daqueles que desencadearam tais horrores sobre a Humanidade sentirem agora, nas suas próprias casas e pessoas, os golpes de justiça retributivos.

A Skoda bombardeada

A Skoda, principal fábrica de guerra da Europa continental, está agora à mercê dos raids da R. A. F. Até ali na fronteira oriental da Alemanha, caem as famosas block-bombs, de dois mil quilos. Rostock, Augsburg, Stuttgart, Hamburgo, Colónia, os centros vitais do inimigo, estão hoje em ruínas.

A segunda frente aérea está criada, e a invasão, conforme Cripps anunciou, não tardará.

1.800 contos

O argentino José Hurrat, simpatisante da causa aliada ofereceu tresentos mil pesos para a Cruz Vermelha e instituições similares. O peso argentino equivale, em moeda portuguesa, a seis escudos, o que dá uma quantia de 1.800 contos.

A importância será assim dividida: A Rússia, o Império Britânico e os Estados Unidos receberão, cada um, 60 mil pesos, a Checoslováquia receberá 30 mil. A China, Grécia, Polónia, Holanda, a França Livre receberão 15 mil pesos cada.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENA

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



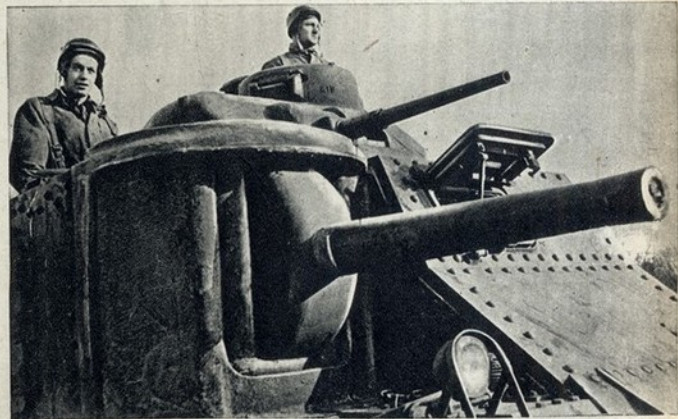
E, POR DUAS VEZES, NA CIRENAICA, MILHARES E MILHARES DE SOLDADOS ITALIANOS E ALEMÃES MARCHAM PARA O CATIVEIRO

O ESFORÇO DE GUERRA DA GRAN-BRETANHA

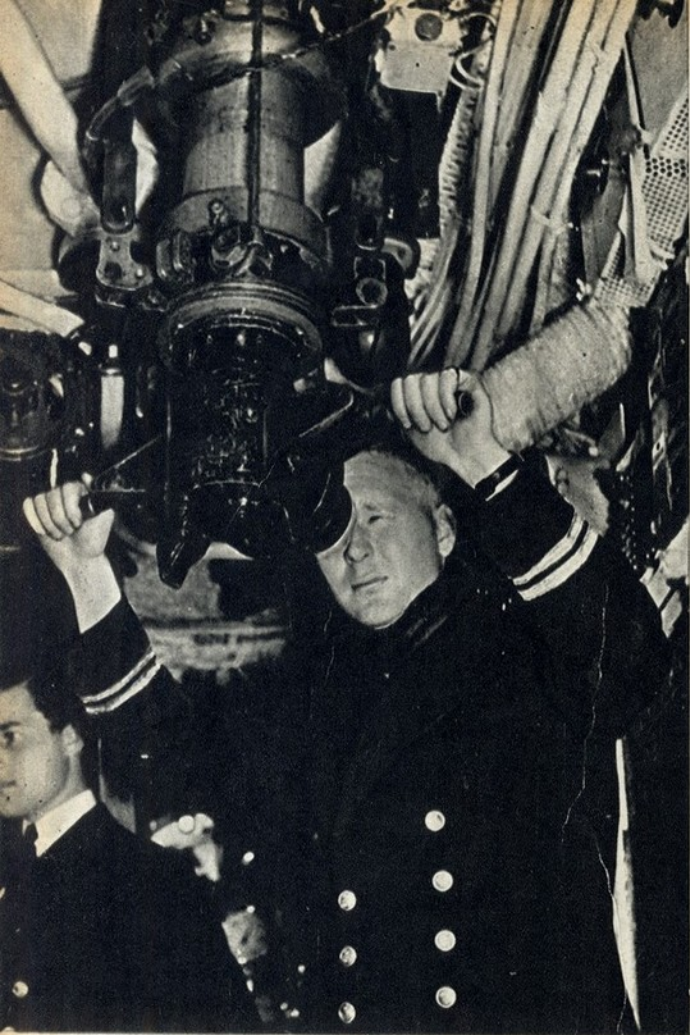
O mundo deve à Gran-Bretanha apenas o exemplo, heróico, e decisivo, que entre Junho de 1940 e Junho de 1941, durante dôze meses de eruciante ansiedade, incitou a humanidade a resistir e, finalmente, a vencer a sua própria indecisão e o receio que o dominava? Agora que tanto se fala de ofensiva e de uma segunda frente a criar na Europa, parece útil e oportuno recordar o que representa o esforço de guerra britânico realizado em três continentes que cobrem superfícies imensas, graças ao domínio do mar e à bravura indômita dos soldados imperiais.

Em que consiste praticamente êsse esforço? Depois de ter ganha a batalha aérea de Londres e a batalha de Africa e do petróleo, na Líbia e no Próximo Oriente, depois de ter enfrentado vitoriosamente a esquadra alemã no Atlântico e a esquadra italiana no Mediterrâneo, a Gran-Bretanha aniquilou as esperanças que os seus adversários depositavam na guerra-relâmpago, com a sua resistência magnífica, fez degenerar aquela numa guerra demorada em que a última palavra será dita pelo grupo de beligerantes que maior soma de recursos puder utilizar.

Durante êsse período de transição, a Gran-Bretanha mobi-



O programa de Beaverbrook cumpriu-se. A Gran-Bretanha inundou de tanks tôdas as frentes de batalha



É cada vez mais poderosa a esquadra inglesa. Na sua frente, os navios do inimigo desaparecem de todos os oceanos. Os submarinos da Grã-Bretanha, em façanhas gloriosas, apertam cada vez mais as malhas do bloqueio. O comandante deste submersível observa a superfície do mar através do periscópio



Como no tempo de Napoleão, a Inglaterra desfez ao inimigo o sonho da invasão. Agora é ele que a teme, sabendo que na sua frente está um dos melhores exércitos do mundo e que a R. A. F. bombardeia constantemente a Alemanha e os países ocupados. Um ataque ao Havre no início da gigantesca ofensiva aérea. O porto está hoje devastado



Um "Stirling," vai partir. Rostóck foi arrasada. Lubeck e Augsburg ficaram em chamas. Qual será agora o objectivo deste novo "raid,"

lizou os seus recursos e energias. De tal maneira que se tornou o centro de coligação poderosa que hoje defronta as potências associadas pelo pacto tripartido.

No seu discurso sensacional pronunciado em Washington, o embaixador inglês nos Estados Unidos, Lord Halifax fez um resumo impressionante do esforço de guerra britânico na terra, no mar, e no ar. Os números que forneceu e as afirmações que produziu, porque se revestem dum inegável carácter de autenticidade, bem merecem ser reproduzidos com o seu sentido profundo e revelador.

Vejamos, em primeiro lugar, o exército britânico. Quais são os efectivos de que dispõe? Que características têm esses efectivos? Quais são os teatros de operações em que operam?

Os efectivos concentrados na metrópole totalizam cerca de 3.500.000 homens. Dêstes, 2.000.000 pertencem à "Home Guard"; 1.500.000 às forças do Exército regular. Um exército desta grandeza pode, em determinado momento, decidir não apenas do curso da luta mas do seu resultado definitivo. Que tarefa lhe está actualmente cometida? Defender, contra uma invasão, que esteve iminente uma larga e recortada extensão da costa de 3.000 milhas e um território de cerca de 100.000 milhas quadradas. Essa costa constituiu a única barreira oposta aos exércitos do Reich; esse território foi o baluarte que resistiu vitoriosamente a todos os ataques e a todas as investidas. Mas as forças metropolitanas não se limitam a assegurar a defesa dum território. Multiplicam-se em operações ofensivas levadas ao continente com uma audácia e um êxito que prenunciam a proximidade de acontecimentos decisivos.

Os "commandos" especializados em ataques de surpresa constituem a ameaça mais grave que as tropas alemãs de

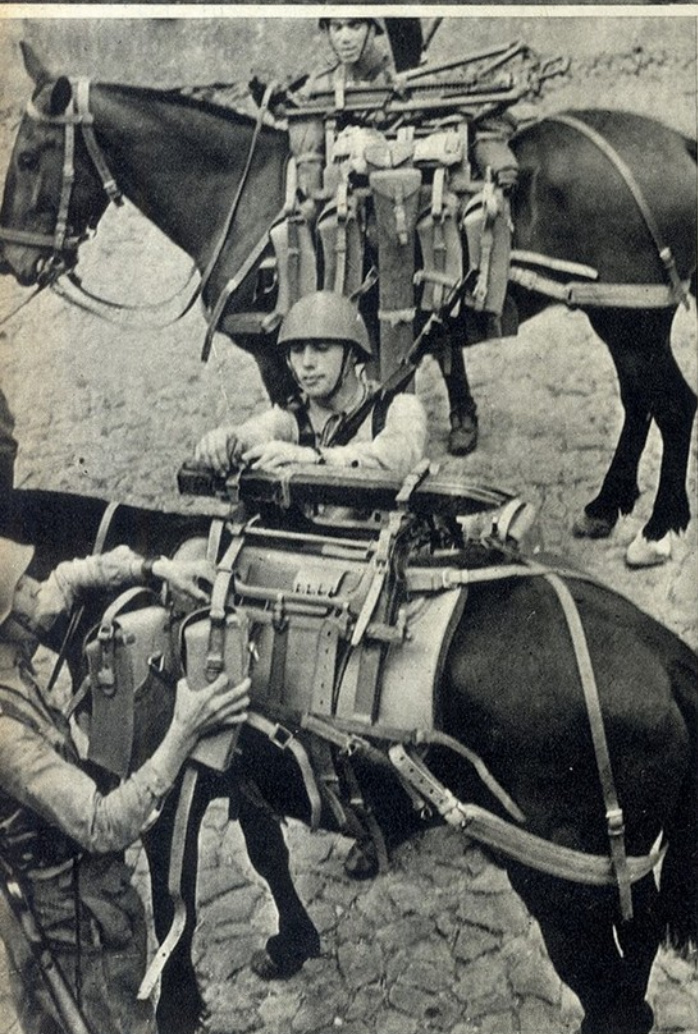
(Continua na pág. 29)



**Roosevelt, nome
da vitória, pas-
sando revista
às esquadras
que asseguram
a liberdade
dos mares**



CAVALARIA PORTUGUESA



A cavalaria combate hoje com as mesmas armas da Infantaria. Os morteiros são transportados no dorso dos cavalos

A cavalaria, em Portugal, escreveu na história páginas do maior fulgor. Logo no alvo-roço aguerrido das hostes afonsinas, conquistando a golpes de montante o território pátrio ela surge admirável encarnação da lealdade do heroísmo e da fé cristã. Vêmo-la em Ourique, onde o rei, de mãos postas, confia no milagre divino; no Salado, meia dúzia contra tantos — em Aljubarrota, perseguindo os desbaratados restos do exército castelhano, e nesse episódio de delicada assitura poética que é o «Doze de Inglaterra» e, já nos nossos dias, as cargas re-

fulgentes de glória das campanhas de África, onde oficiais como Mousinho ganham justamente uma auréola de imorredoura beleza militar.

A cavalaria foi sempre uma arma nobre. Tanto assim que ser armado cavaleiro era a suprema honra. Havia torneios, o pretendente na véspera da cerimônia jejuava, numa severa velada de armas. Os padrinhos, batendo no lajedo o aço das espadas, exigiam-lhe um solene juramento.

Onde houvesse o perigo, devia procurá-lo; correr, vencer, levando nos olhos a imagem da Morte e no coração a cer-



Os soldados empunham as espingardas e os cavalos alinham-se impecavelmente na parada

teza da Pátria. É assim que Portugal nasce e vem desde o florido Minho, num pedaço verdejante de três palmos, alargando-se por aí abaixo, no tropel da sua cavalaria, na braveza dos seus soldados até ao Algarve — descobrir horizontes para as caravelas.

O heroísmo da cavalaria é cantado em sublimes estrofes.

Tôda a literatura da época gira à volta dos romances da cavalaria.

Já na Grande Guerra, anos volvidos, a missão da cavalaria foi importantíssima. Patrulhando, ocupando, ou então atacando, ela foi, muitas vezes, o fundamento de grandiosas vitórias. Nos nossos dias, apesar da motorização dos exércitos ela volta a brilhar, realizando façanhas de singular audácia.

A cavalaria é uma arma imprescindível na guerra, pelas suas características especiais de mobilidade através de todos os terrenos. A espada e a lança foram substituídas, porém, pelo armamento moderno utilizado pela Infantaria. Não são apenas com espingardas que os soldados de cavalaria foram dotados, mas também com as armas automáticas modernas — metralhadoras pesadas, ligeiras e anti-aéreas — e algumas armas pesadas, como o morteiro.

A cavalaria divisionária é insubstituível, apesar da criação, por exemplo, dos explo-

radores motociclistas. Os cavalos galgam os terrenos mais abruptos que as motos não podem transpor. Há já, nesta guerra, exemplos flagrantes de que a cavalaria continua a ser sempre uma arma de inestimável valor. Aliás, são tôdas as armas, dentro das suas missões bem definidas e numa íntima colaboração que constroem a vitória nas grandes batalhas.

A cavalaria polaca, estoica, arrebatada pela ardente fé patriótica mostra ao mundo inteiro a valentia e uma raça, a monumental grandeza dos seus cavaleiros.

Cavalaria n.º 7, aquartelada em Belém, é um regimento de grandes tradições. Possui um escol de oficiais distintos, valorosos cavaleiros que, não só em Portugal como no estrangeiro têm erguido bem alto o nome da pobre cavalaria portuguesa. É seu comandante o brioso oficial coronel Afonso Botelho, um dos mais estudiosos e apaixonados militares do nosso tempo.

Empolga ver um esquadrão de cavalaria, impecável, trotando com garbo, pelas ruas da cidade. Cada soldado no seu aprumo, é uma espada que serve e prestigia o exército português.

Manuel Martinho



Os cavaleiros apearam-se e tomam posições para a sua metralhadora ligeira

Munições para o combate. Os cavalos descem uma ribanceira sopoados pela mão enérgica do cavaleiro



Descanso no exercício



Area destruida : 1.400 metros

AS RUINAS DE LUBECK

OS ESCOMBROS DA CIDADE FOTOGRAFADOS PELA R. A. F.

A HOLANDA EM PORTUGAL



A Holanda tem resistido nobremente à adversidade da guerra. Com dignidade e heroísmo, ela soube defender-se dos invasores e, quando ocupada pelo inimigo, a sua Rainha, que encarna a alma dos fundadores da Casa de Orange, dirigiu-se para Inglaterra onde continua a dirigir os destinos do seu povo. Já na sua pátria natal, já nas colónias do Extremo Oriente, os Exércitos de terra, do mar e do ar, ao lado dos ingleses, têm mantido a flama heróica da independência secular duma das raças mais laboriosas do mundo à qual tantas recordações nos prendem. Na Holanda, existem numerosas tradições portuguesas, apelidos de famílias ilustres e até nomes de localidades.

Há compatriotas nossos que têm pela Holanda ilimitada estima, assim como há holandeses que sabem retribuir essa estima de maneira que profundamente nos sensibiliza e, entre eles, por ser melhor conhecido o seu nome em Portugal, cabe citar o sr. Johan Voëtlinc, nosso consul honorário na Haia.

O seu representante entre nós é, actualmente, uma distinta figura de puro aristocrata, o sr. barão Floris van Pallandt, formado em Direito pela Universidade de Leida, agora encerrada, e que se encontra em Lisboa desde Abril de 1941. Diplomata de carreira, e dos mais ilustres, deus nos o prazer de alguns momentos de conversação, em que a sua frase cintilante e finamente burilada, nos descreveu o que vale, em progresso, grandeza e superior encanto, a sua pátria, ao mesmo tempo que afirmou, eloquentemente, a sua calorosa satisfação por estar em Portugal.

O acaso proporcionou que nós encontrássemos com o ilustre diplomata no dia do aniversário natalício da Princesa Juliana, actualmente residindo em Otava, com seu marido, o príncipe Bernardo de Lippe, de quem tem duas filhas, Beatriz e Irene, a primeira nascida em 1938 e a segunda em 1939. Em palavras repassadas de sincero e impressionante devotamento que nos subjugou, o sr. van Pallandt referiu-se às excelsas virtudes da sua Princesa e da Rainha Guilhermina, que, desde

(Continua na pág. 30)



O SR. BARÃO FLORIS VAN PALLANDT



A sr.^{ca} Duquesa do Cadaval dirige-se a uma livraria para comprar uma revista. Mas o garoto, entretido com as aventuras de Conan Doyle, impede-lhe a passagem



O cigarro impertinente ao canto da boca faz as delícias do «graxa»

com os seus iguais, raramente perde o carácter próprio — é individualista. Afirma sempre personalidade e independência. Fala sempre na primeira pessoa: «eu juro», «Eu faço!» E diz o «meu livro», a «minha rua», a «minha porta», a «minha casa»; e outras afirmações pessoais de que se ufana e faz alarde.

Entretanto, no dia seguinte, tudo foi esquecido durante um momento de confraternização que os une e a todos põe de acôrdo.

Há os que vendem jornais, os que limpam sapatos, os que andam na escola da Câmara, e os meninos ricos e amimados quando se libertam da vigilância da perceptora para virem estabelecer colóquio amigo e descuidado com o primeiro fedelho maltapilho da rua.

OS GAROTOS DE LISBOA

SE fôsse possível admitir a ideia absurda de que os garotos não mais deixariam de o ser, o mundo tornar-se-ia o lugar mais aprazível.

Porque não sucede assim? Talvez para dar razão aos versos do poeta:

*O que é bom vai-se,
o que deixa pena fica...*

Todavia, o mais ardente desejo do petiz é tornar-se grande!...

Mal sabe êle o que o espera!

Os garotos dir-se-ia formarem um universo semelhante: iguais são os seus entendimentos, as suas ambições, o seu espírito de solidariedade, a sua alegria contagiosa, seus actos e procedimento.

Por tôda a parte se encontra o garoto, vivendo e sentindo de maneira

igual. São como as andorinhas, que, embora sob diferentes céus, têm modos de ser inalteráveis.

Que êles, no mundo irreal e feliz em que vivem a sonhar, a brincar, a docejar, representam sempre de anjos?

Também não — seria exagerar!...

Os garotos têm certas particularidades, que nem sempre agradam às pessoas idosas que já se não lembram de quando foram crianças.

A sua linguagem é riquíssima, inédita e expressiva, e por tal forma colorida e exacta, que não é para duvidar de que qualquer filólogo sabedor muito houvesse a aprender com êles se ouvisse as suas conversas.

O petiz, se bem que viva em comunicativo entendimento colectivo



Os garotos do cais. São futuros pescadores que já não têm medo do mar



O grupo escultórico do Tejo, do artista Diogo de Macedo

A FONTE MONUMENTAL

NA vasta obra de renovação urbanista de Lisboa, a Fonte Monumental, com que pretende comemorar-se não só a chegada à capital das águas do canal do Tejo, mas traduzir também como que um agradecimento espiritualizado das populações beneficiadas durante o seu percurso através de extensas planícies fertilizadas, é um conjunto arquitectónico que se enquadra justamente na mole grandiosa de construções que o Instituto Superior Técnico domina. Carlos Rebelo de Andrade, arquitecto dos mais ilustres, competência técnica aliada a uma rara surtibilidade de artista, a quem Lisboa já deve os melhores e mais belos frutos do seu talento, é o autor do projecto. Situada no topo leste da Alameda D. Afonso Henriques, a

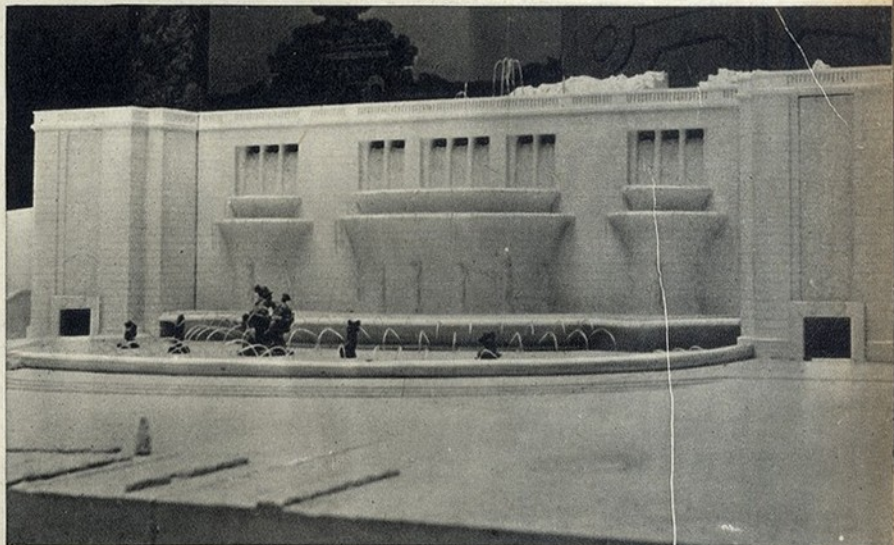


Um dos elementos decorativos da fonte

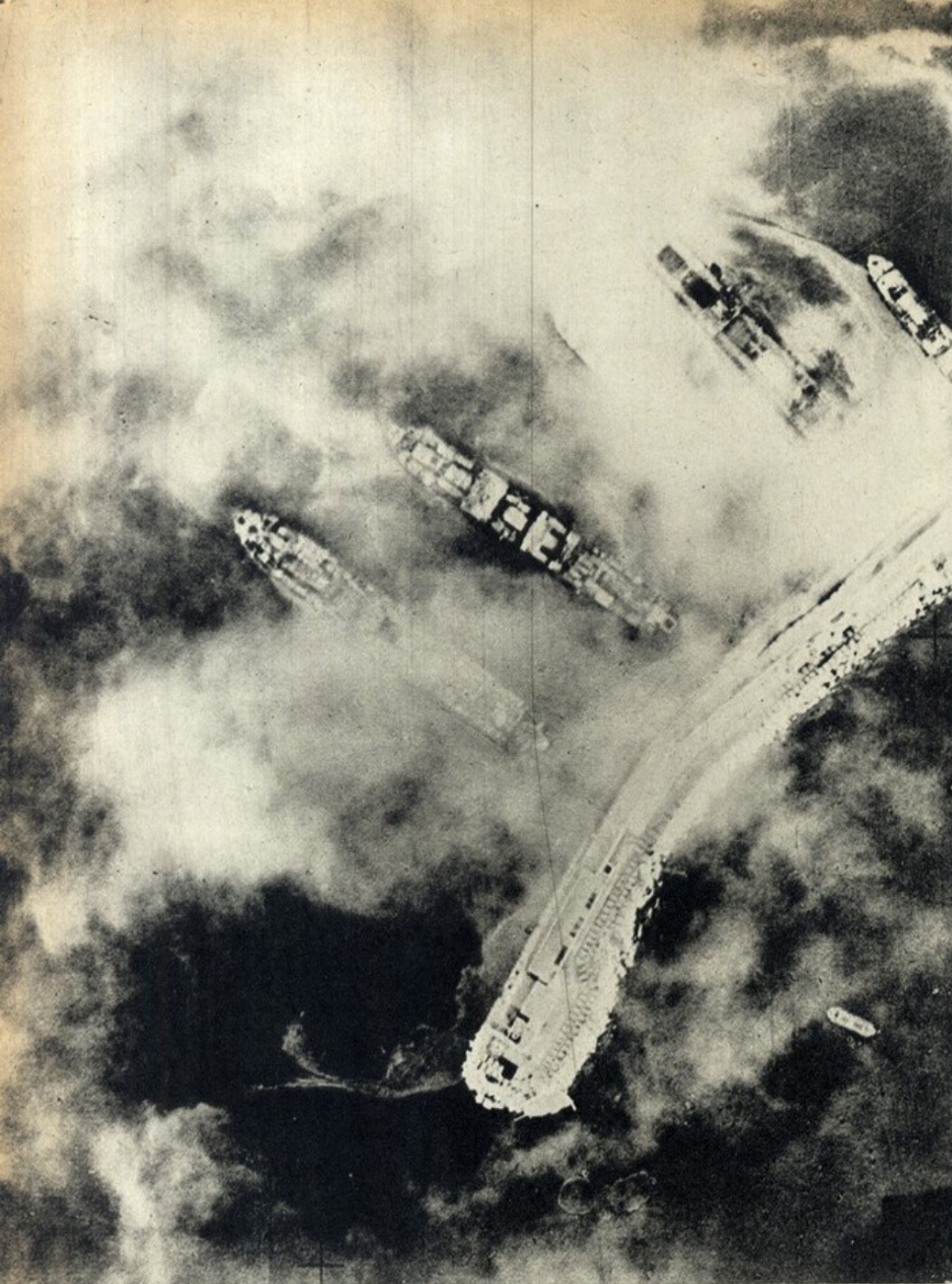
construir pela Câmara Municipal, a fonte é constituída fundamentalmente por uma grande parede de cantaria simbolizando a grande represa do caudal do Tejo, da qual, por rasgamento aberto na sua espessura, brotam jorros de água em três cascatas que um grande lago recolhe. A parede revestirá o declive da esplanada — miradoiro aberto 14,5 metros acima do plano onde se estende a alameda e é flanqueada por dois corpos salientes onde se abrem os portões que lhes dão ingresso, encimados por dois painéis de cerâmica em baixo relêvo.

Do seio das águas do lago surgem os motivos escultóricos de excepcional beleza decorativa, enriquecendo o conjunto monumental: um grupo alegórico de bronze representando o Tejo a cavalgar um centauro marinho que é conduzido por golfinhos assistidos pelas ninfas — as tágides de Camões.

Esses grupos alegóricos são dos ilustres artistas Jorge Barradas, Maximiano Alves e Diogo de Macedo.



A maquette da Fonte Monumental, da autoria do distinto arquitecto Carlos Rebelo de Andrade



Milhares de aviões ingleses voam diariamente sobre a Europa. Um "raid" em massa ao porto italiano de Palermo durante o qual foi destruído um "combóio" de navios mercantes, que ali se encontrava

250.000^e
Arbeiter für Deutschland
Arbeider voor Duitsland
ouvrier pour l'Allemagne



Em virtude das baixas sofridas pela Alemanha, a sua indústria acusa um grande "deficit", de homens pelo que os nazis pretendem recrutar levas de operários nos países ocupados. O que se lê e o que se vê numa gare em Bruxelas



Documentos irrefutáveis. O "Hamburguer Fremdenblatt", publicou esta impressionante fotografia de um dos bairros de Lubeck destruídos pelas potentes bombas da R. A. F., cujas asas heroicas dominam todo o território do inimigo

NA HORA DA OFENSIVA



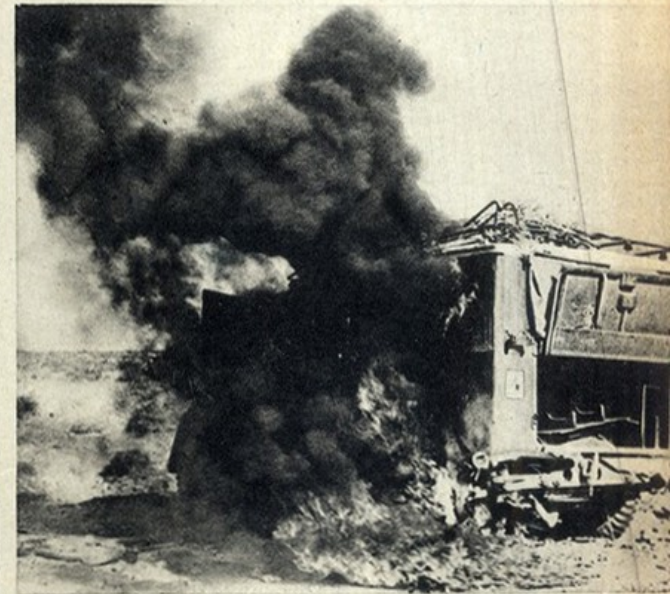
A sentinela de Gibraltar. Uma fortaleza que domina o Mediterrâneo. Os trabalhos de defesa são tão poderosos que ela se pode considerar inexpugnável. Uma das muitas galerias do penhasco onde se guardam munições



Os submarinos alemães parece serem nesta guerra ainda menos eficazes do que na outra. Os seus melhores comandantes foram mortos ou aprisionados. A tripulação de mais um chega à Inglaterra



Malta continua a ser o cemitério da aviação do "eixo". O seu heroísmo é das mais belas páginas da história militar da Inglaterra. Eis a sua guarnição fazendo exercícios de morteiros



Os famosos "comandos", ingleses continuam a ser o pesadelo do inimigo, com os seus terríveis golpes de audácia. Uma das suas façanhas na Líbia: o assalto a um quartel-general móvel do adversário.

FIGURAS E FACTOS



Os cadetes da Escola Naval prestam, solenemente, o juramento de bandeira



O sr. almirante Leahy, embaixador dos Estados Unidos em Vichy, chega a Lisboa a fim de embarcar para o seu país. A sua esquerda, o representante norte-americano em Portugal, que o aguardava na estação do Rossio



As comemorações do «Dia da Marinha». O sr. Presidente da República entrega a um cadete da Escola Naval o livro dos «Discursos» do sr. dr. Oliveira Salazar, com que o chefe do Governo o distinguiu



O ilustre Chefe do Estado preside à inauguração da «Semana das Colónias» na Sociedade de Geografia. O sr. António Ferro pronunciando o seu discurso



OS ALIADOS NA GUERRA

Caça noturna. Antes de partirem para os seus raids nocturnos, os caças inlêses experimentam as suas metralhadoras. O jacto contínuo da metralha parece dois projectores. É assim que se ilumina as trevas dos países inimigos nos centros vitais da sua indústria de guerra



China heróica. As estudantes chinesas alistaram-se no Exército de Chang-Kai-Chek dando assim um exemplo de nobre amor patriótico. A sua decisão iguala a coragem dos soldados do seu país, que tantos reveses têm infligido ao invasor



Alma de uma raça. Tudo está pronto, na Austrália, para a luta. Os valorosos "Anzaks", que nesta e na outra guerra se cobriram de glória, saberão fazer frente ao inimigo ao lado das tropas americanas que já ali se encontram.

Asas de ouro. J. S. Sherwood, o chefe de uma das esquadrilhas que bombardeou Augsburg, depois de um vôo de mil milhas. São desta têmpera varonil os homens da R. A. F.



Na Inglaterra já não se fazem exercícios de defesa, mas, com tôda a realidade, treinos de desembarque nas costas do inimigo. "Comandos," escocêses realizando um desses exercícios na presença do Rei

MEMORIAS DE CHURCHILL

OS mais bem informados sustentavam que embora houve-se muitos derviches reunidos em Omdurman eles tinham resolvido evitar a batalha e fugiram pelas estradas até Kordogan distante. «Vamos continuar a andar assim até ao equador» — dizia-se. Pouco importava que fôsse assim. Era uma ocupação agradável e uma vida maravilhosa. A saúde mantinha-se excelente, o exercício divertia-nos, a alimentação era abundante. A' alvorada e no crepúsculo tínhamos água em quantidade.

Atravessámos, sem cessar, regiões desconhecidas. Talvez um dia vissemos, também, na nossa frente, acontecimentos inesperados. Durante um jantar, dado no dia 31 na «mess» dos oficiais britânicos dum regimento sudanês, para o qual fui convidado, ouvi opiniões muito divergentes. Os homens que conheciam os derviches, por já os terem combatido, diziam: «Eles andam próximo. Darão uma batalha para defenderem a capital do seu império. Não são da qualidade de fugir. Vamos encontrá-los à entrada da cidade». Esta cidade estava apenas a uma distância de 18 milhas.

No dia 1 de Setembro a nossa marcha iniciou-se, como nos dias anteriores, no meio duma calma absoluta. A's nove horas, porém, as nossas patrulhas começaram a assinalar qualquer coisa. Pelo meio das tropas, até aos esquadrões de cavalaria, correu a notícia de que se tinham avistado manchas brancas e chamus no



E as tropas americanas continuam a chegar à Inglaterra

meio da miragem brilhante que, para o lado do sul, nos velava o horizonte. O esquadrão de que eu fazia parte tinha a missão de auxiliar apenas as tropas avançadas de cobertura. Caminhávamos de vagar, refreando a nossa agitação crescente. A's dez e meia chegámos ao alto dum montículo de areia, e vimos na nossa frente, apenas à distância duma mil-

(continua na pág. 27).



O nome de Churchill enche a História da Inglaterra. O grande ministro acompanhado por sua esposa examina um "predictor," da defesa anti-aerea

PARA OS FERIDOS DE GUERRA

A firma Hudson, L.^a, da Africa Ocidental Portuguesa, adquiriu, com o produto de uma subscrição entre o seu pessoal, português e britânico, uma ambulância que ofereceu, por intermédio do sr. dr. Armino Monteiro, illustre embaixador de Portugal em Londres, à Cruz Vermelha Britânica. Concorreu, além disso, com duzentas libras esterlinas para a sua conservação. Ao aceitar a ambulância, durante uma cerimónia que se revestiu de grande solemnidade e que assistiu grande multidão, o marechal de campo sir Philip Chetwoode, em nome da Cruz Vermelha inglesa agradeceu calorosamente ao embaixador português, declarando que a oferta irá servir numa casa de repouso de Norfolk e que de tempos a tempos serão apresentados à sr.^a embaixatriz de Portugal, que foi a madrinha da ambulância, relatórios acérra do funcionamento da generosa dádiva do pessoal da casa Hudson.



O marechal de campo Sir Philip Chetwoode, quando o sr. dr. Armino Monteiro lhe entregou a ambulância oferecida pela casa Hudson, da Africa Ocidental Portuguesa, com a embaixatriz e o embaixador de Portugal em Londres e Sir Ernest Burdon, da Cruz Vermelha britânica



A esposa do sr. dr. Armino Monteiro depois da cerimónia do baptismo da ambulância, de que ela foi a madrinha



Esta é a gentil condutora da valiosa oferta dos operários portugueses e ingleses da casa Hudson aos serviços sanitários britânicos



CARMEN MIRANDA



cola, domina multidões. A tôdas as horas, nas ruas, nas janelas, nas oficinas e nos «dancings», raparigas em flor e mulheres que vão já a dobrar a esquina da vida, velhos e novos, cantam «O que é que a baiana têm?» A voz do artista num variado cortejo de modinhas, como que faz rejuvenescer a terra inteira.

Dir-se-ia, realmente, que o mundo, carregado de séculos e inquietações, foi contaminado duma aliciante mocidade com as canções de Carmen Miranda. A cantora típica venceu o cepticismo mais impenetrável, a tristeza mais aguda e doentia, a austeridade mais empedernida e inabordable. Entra nos hospitais e dá saúde aos



QUAL DAS DUAS...

CARMEN Miranda tornou-se a febril paixão do mundo. Apareceu uma noite no Rio de Janeiro, numa «fêrie» galvanizante, entre árvores de seda e luz e, no dia seguinte, os jornais dedicam-lhe encomiásticos artigos e consagram-na como genial intérprete da música brasileira. Nasceu uma «estrêla»! Passam breves horas e é o Brasil de lés a lés que decora, delirantemente, o nome da actriz, grande imperatriz do samba. Tôda a nação, com seus mistérios os seus luars prateados, incêndios de amor, vultos

e gemidos de paisagem luxuriante, arrebatamentos de cachoeiras, súplicas de pássaros, gritos rubros de sol e orações brancas de luar, tôda a imensa nação parece reflectir-se nas canções de Carmen Miranda. Os discos levam a sua voz nova e sedutora pelo país fora até às povoações remotas do Ceará que a rádio, nas suas asas invisíveis, espalha pelos quatro cantos do planeta. Quâsi ao mesmo tempo, nas cidades de todos os continentes, ouve-se cantar Carmen Miranda. Londres e Washington adoram-na. A actriz faz es-



enfermos; canta para os tristes e para os encanecidos, e eles sentem-se de novo amigos da vida; faz-se ouvir nas trincheiras e logo redobra a coragem dos combatentes. Transforma-se na coqueluche, na doença apetejada de toda a gente. Os bravos soldados ingleses decoram-lhe a atraente canção «Mamá, eu quero!» Nunca mais a esquecem. Maravilhosos no seu espírito combativo, os «Tomies» arrancam para o inimigo na Grécia, na Etiópia e no Egito, sempre com essa canção na boca. Acompanha em todos os ataques, em todos os assaltos, as armas britânicas, as armas da vitória. Cantam-na, alegremente, os aviadores da R. A. F., mo-



MARIA LUÍZA

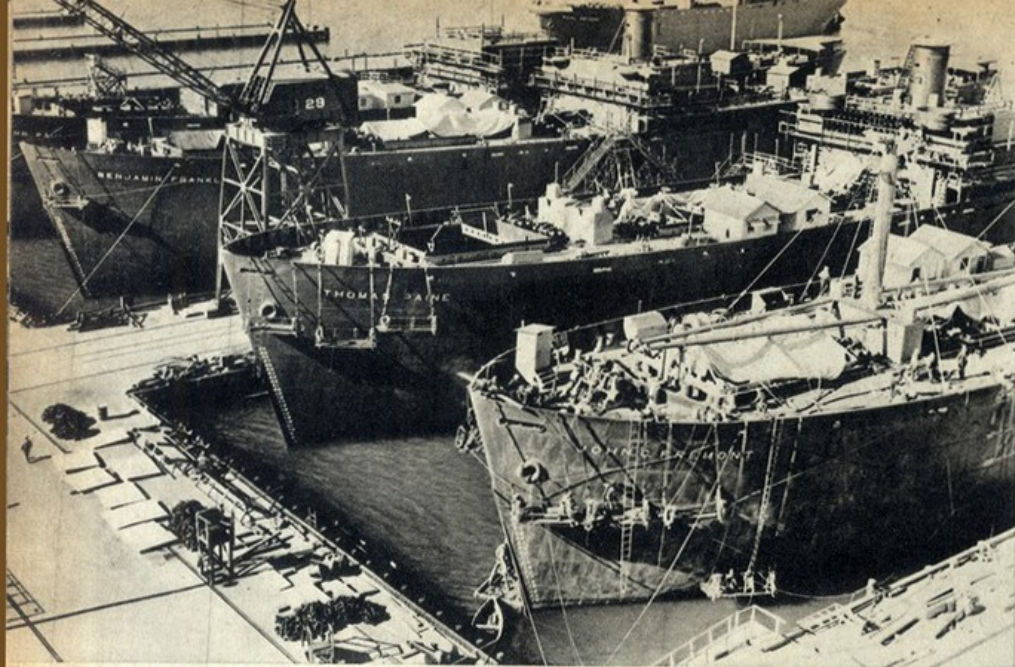
deros gigantes do espaço, e os marinheiros da «Home Fleet», senhores dos sete mares. Não é um hino de guerra, mas uma canção que dá optimismo aos que lutam pela sagrada causa da liberdade dos povos.

Carmen Miranda continua a inundar de festiva mocidade os corações. Hollywood chama-a e confia-lhe as protagonistas de meia dúzia de filmes. A «estrela» de teatro subiu a «estrela» de cinema. E, Portugal sente-se desvanecido com os triunfos de Carmen Miranda. Nascida entre nós, em Marco de Canavezes, daqui partiu, ainda menina, com os seus para o Brasil.

Há mesmo quem afirme que deixou cá uma irmã, que agora se dedica, também, a cantar e dançar sambas. É a actriz Maria Luiza. Os mesmos olhos gaiatos irrequietos, o mesmo sorriso comunicativo, o mesmo corpo coleante, um tudo nada, talvez, mais alto, com a mesma expressão rítmica nas ondulações coreográficas das modinhas de além Atlântico. Dir-se-ia até, ser sua irmã gêmea. Será? Como ela, o seu estilo e a sua forma de vestir seduzem já todas as raparigas. O seu corpo em fogo é uma estátua viva e nervosa do Brasil; os seus olhos negros e profundos, de veludinea carícia, que falam e riem, que beijam e abraçam, são como os da outra—a sua «irmã gêmea». Uma e outra, feitas música e bailado, interpretam a alma ardente e comunicativa do Brasil a ensinar alegria ao velho mundo.

António de Sedielos





Os famosos navios da liberdade, carregueiros de 10.000 toneladas, que são construídos em 14 semanas. Os Estados Unidos têm mais de 300 "carreiras", só para a construção destes barcos que deitarão ao mar até o fim do ano mais de 500

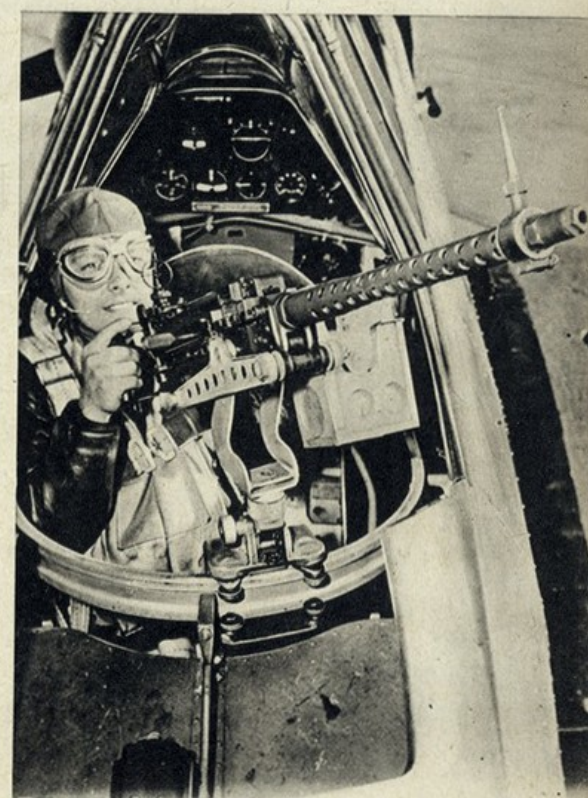
A VITÓRIA É UMA QUESTÃO DE TEMPO



Este mês, os Estados Unidos terão uma força aérea de 400.000 homens, o que constituirá o maior exército do mundo, parte do qual já está distribuído pelas frentes de combate da Europa, da África e da Oceania



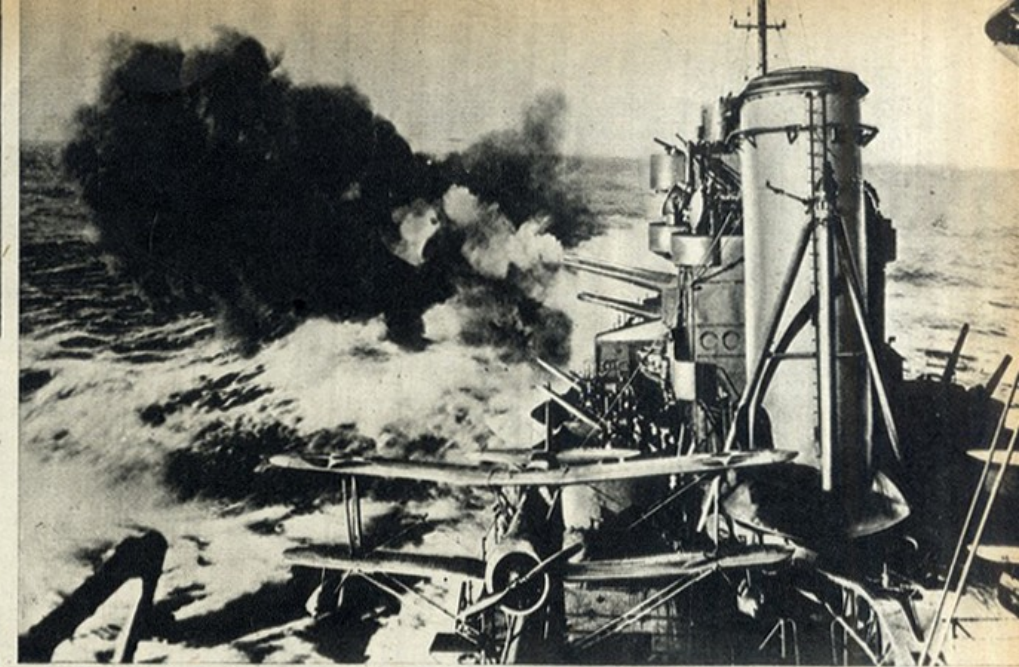
A América está construindo 60.000 aviões dos mais velozes e de maior poder ofensivo, entre os quais as suas famosas "fortalezas voadoras", cujo último modelo pode voar na estratosfera, com enorme carregamento de bombas e fora do alcance dos caças e das baterias anti-aéreas, agora em ação na Europa



O potencial do fogo dos "caças" norte-americanos atingiu limites nunca igualados. E a bravura dos seus pilotos regista já vitórias como o afundamento do "Haruna", e o bombardeamento de Tóquio e de outras cidades



Quarenta e cinco mil tanks saem das fábricas americanas no decorrer deste ano, para todos os teatros de guerra. A última novidade é um blindado de 60 toneladas, considerado o mais resistente do mundo



A esquadra americana não só domina mas ataca no Pacífico. Estão a construir-se 2.331 unidades de todos os tipos que custam sete bilhões e trezentos milhões de dólares. Os super-couraçados "North Carolina", e "Washington", já em serviço, fazem parte de uma esquadra de dezassete grandes unidades



Os Estados Unidos estão enviando para todas as partes do mundo as suas tropas, admiravelmente apetrechadas com o melhor material bélico, no qual sobressaem as suas armas automáticas do último modelo. Os primeiros americanos que chegaram à Austrália

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

A MODA

Os Estampados

EMPREGAM-SE hoje de variadas formas. No que mais se empregam, são no saia-e-casaco ou no vestido inteiro e bolero, em feitos simples, fáceis de usar a qualquer hora.

É curioso o resultado que dá a mistura do estampado no mesmo desenho mas em diversidade de tons — igual padrão, diversa cor.

Sobre estes vestidos, usa-se o casaco claro, de lã mole ou de seda grossa que é *drapé* em cima e cai em *cloche* para baixo. O forro do casaco no estampado do vestido é elegante mas tem o inconveniente de não se poder pôr com outro.

Os Casacos

Tôda a novidade dos casacos reside hoje nas costas. Umas são formadas com machos cosidos quasi até à cinta e soltos para baixo, outras formam *blouson*, estas têm o *empiècement* em cor diferente, aquelas são guarnecidas com *soutache*, botões, entrançados, etc.

Alguns, de tarde, são *drapés* como se fôsem vestidos, chegando mesmo a confundir-se com a *robe-manteau*.

O TAILLEUR E AS SUAS REGRAS

É realmente a peça de vestuário com que a mulher se sente bem à sua vontade.

Mas...

Mas precisa de ser impecavelmente executado. E, então, é preciso o conhecimento de certas regras. Teremos muito prazer em vos indicar algumas:



Para o quarto

— No saia-e-casaco clássico, o número de botões deve ser ímpar e terão, mais ou menos, 3 cm. de diâmetro (ou menos um bocadinho não fará mal).

— Um dos botões deve estar exactamente na cintura, apoiando bem. O segundo, 10 cm. acima, o terceiro 10 cm. abaixo. Abotoando apenas o do meio, faz *smoking*. Em certos casacos género *sport*, não fica mal abotoar os dois superiores, deixando sem abotoar o de baixo.

— Para que o casaco seja justo na frente, é indispensável uma pinça de cada lado, prolongando a do peito.

O enchumaço dos ombros é feito com pequenas ombreiras que terão 2 cm. de espessura.

— No clássico, os bolsos devem ficar uns 6 ou 7 cm. abaixo da cintura.

— No pulso, a largura da manga será de 12 cm. e meio.

— O modelo mais simples, de saia, é de quatro panos, alargando levemente para baixo.

— Duas costuras dos lados, uma à frente e outra atrás. A parte das costas terá 2 cm. a menos de cada lado do que a da frente, para tornar o corpo mais esguio.

— Fecho *éclair* ou colchetes, dum só lado, numa fenda de 18 cm.

— Como as saias decerto não virão mais curtas (1), é bom deixar uma bainha de 8 a 9 cm., no caso de terem que descer.

— A saia ficará à distância de 40 ou 42 cm. do chão.

— No casaco, a costura nas costas favorece a linha. Quem o quiser muito cintado, coserá por dentro, entre a fazendo e o forro uma estreita fita que irá duma costura, a outra.

— Quando o tecido é mole, faz-se o mesmo que na malha: coloca-se 30 cm. de seda, atrás, de costura a costura, para impedir que, ao sentar, a saia se deforme.

Regras que talvez tôda a gente conhecesse, mas que se vai mandar fazer um *tailleur*, essa «*tenue*» indispensável a tôda a senhora elegante.



Uma «composição» desportiva de rara elegância

CONSELHOS DE BELEZA

Cravos no Nariz e no Queixo

Fazer massagem ao rosto com óleo de amêndoas doces, sempre no sentido ascendente. Lavar, em seguida, com água muito quente e sabão de enxôfre ou de benjoim. Premir com as pontas dos dedos desinfetados, até fazer sair os cravos. Depois, limpar a pele com a seguinte loção:

Água de rosas . . .	10,0
Alcool	10,0
Borato	5,0
Glicerina	10,0

CASA QUEY

MEIAS — STOKINGS — BAS

VER-O-FIL

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

Rua Serpa Pinto, 18

VERDADES

Esta frase — *Faço o que posso. Milagres ninguém faz* — não tem valor nenhum. Exactamente, hoje, no momento doloroso que se passa, é o que se necessita de fazer: *milagres*.

Nunca sigas o convite da pessoa que te diz:

— Adoro a franqueza. E só considero verdadeiro amigo, aquêle que não me apontar só as qualidades mas sim e, principalmente, os defeitos.

Livra-te de o fazeres. Perderias, para sempre, o amigo.

O homem não é nada egoísta, não. Quere simplesmente isto: ser considerado o centro do universo.

— *Sempre* — é uma palavra que as pessoas nunca deveriam exigir. Tanto pode ser, realmente, a eternidade, como: *daqui a dias; até não sei quando; talvez nunca mais... enquanto outros olhos me não endoidecerem.*

E, afinal, é a palavra que tenho no meu *ex-libris*: «*Semper*».



A linha da mulher esguia

LITERATURA INGLESA

(Continuação da pág. 4)

juízos sem que, no entanto, estes tenham o condão de modificar o temperamento criador dos artistas.

O pai de Rudyard — Lockwood Kipling — era hindú; sua mãe nasceu em Birmingham. Daí, talvez, a falta de uniformidade que, amiúde, se verifica nos seus livros. Uma vez, Kipling aparece-nos como glorificador e defensor racional da tese imperialista; outras, porém, a sua fantasia atinge um maravilhoso de irrealdades e mistério.

Kipling foi exemplo raro de precocidade literária; manifestação que, aliás, poucos dos críticos receberam com agrado. De facto, as suas primeiras produções não faziam vislumbrar nêlo o futuro poeta e o admirável contista. Os comentaristas dos seus primeiros trabalhos chegaram a notar no autor, entre outros predicados nada prometedores, falta de originalidade. A sua primeira obra rimada, «Departmental Ditties», foi recebida friamente. Os próprios «Plain Tales from the Hills» êsses simples e deliosos contos das colinas, só se tornaram célebres anos depois da publicação. Isto é: quando o autor, mesmo antes de lhe ser atribuído o Prémio Nobel, em 1907, já era universalmente conhecido.

O impressionante contista da «Aldeia dos mortos», não esqueceu, porém, a influência que, ainda muito jovem, recebera de seu pai e de seu tio. Ele próprio ilustrou a edição do seu livro «Just so Stories». Todavia, o seu espirito

vislumbrou mais fascinadores horizontes na literatura. Por isso, ficou visionário e poeta, e não se fez pintor.

Entretanto, à medida que os anos passam, a fama do seu nome vai-se alargando e assinala-o como um dos maiores contistas do seu tempo. Aos vinte e três anos já havia publicado as seguintes obras: «Os três soldados», «O senhor e a senhora Gadsby», «Debaixo dos Deodaras», «O filho do Coronel», «Liteira fantástica». A sua fecundidade literária é intensamente laboriosa. De 1893 até 1909 a sua produção multiplica-se: mais de uma trintena de volumes concebeu e publicou nesse período de tempo relativamente curto. Mas a obra que mais justo e maior renome literário lhe deu foi, de-certo, «A Selva» («Jungle Book») a sua obra mais estranha e a mais característica, que lhe trouxe a consagração definitiva na moderna literatura.

Rudyard Kipling foi ainda o escritor da língua inglesa que maior número de edições teve dos seus livros e, também, aquele que para elas conseguiu maiores tiragens.

Em 1893, Rudyard Kipling casa com uma senhora americana de nome Carolina Starr Balestier e empreende uma longa viagem pela Europa e pelos Estados Unidos da América. Residiu, então, alguns anos neste país, depois dos quais regressou a Inglaterra, onde faleceu, em 1936, com 71 anos, consagrado pela beleza da sua obra.

A. R.

OS LIVROS DA QUINZENA

Pão e amor

Knut Hamsun é, sem dúvida, o mais representativo dos escritores escandinavos. Os seus romances, traduzidos em quasi todas as línguas, iluminam o mundo com a sua chama de pura espiritualidade — hinos de veneração à Terra e de paz e amor entre os homens. «Pão e amor», a que foi atribuído o «Prémio Nobel», acaba de aparecer por intermédio da Parceria A. M. Pereira, traduzido primorosamente por Cesar de Fries que nos apresenta o autor da «Fome» num prefácio cheio de riqueza literária e de admiração pelo romancista de quem Mirbeau disse, como o tradutor refere: «Queria falar hoje de um homem singularmente dotado, de uma personagem original e poderosa que merece, a todos os respeito, a atenção dos letrados e curiosos por almas poucos vulgares». É de facto assim Knut Hamsun, que a vida ensinou a amar os homens e a natureza.

A Campanha da Polónia

A bibliografia da guerra continua a enriquecer-se com obras, ora crítico-analíticas ora descritivas, principalmente de autores portugueses. As edições Universo publicaram agora o primeiro volume da «História da segunda Grande Guerra», do almirante Alberto Carlos Aprá, do major Alexandre de Moraes e do dr. Macedo Mendes, abrangendo toda a «Campanha da Polónia». Do mérito da obra dizem os nomes dos autores, um técnico naval, um cronista militar e um historiador. O livro,

além de numerosas gravuras, é enriquecido com mapas e desenhos de maior Fernando Barbosa de Magalhães.

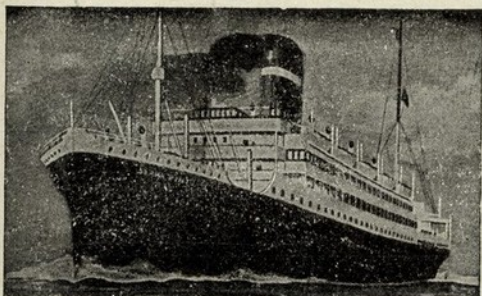
Poemas de hoje

É sempre a dor, própria ou alheia, que faz os grandes artistas. A vida sente-se menos pela alegria que pelo sofrimento e só este é construtivo, porque a humanidade, se não sofre, distrai-se do seu próprio drama. «Poemas de hoje», de Augusto dos Santos Abranches — um nome novo? — é, como o próprio título diz, um livro que vive a actualidade. É a tragédia indescritível que enrodilha os homens na mesma onda de sangue e de dor que inspira o autor. Em cada poesia sente-se o drama do homem de hoje, do homem olhando para além do horizonte em busca de novos caminhos.

Verdades Amargas sobre a França

Louis Levy é um jornalista francês que acompanhou, profissionalmente, a batalha da França, desde a queda da Holanda e da Bélgica até à derrota dos exércitos do general Weygand. Documentado com vastos conhecimentos da história e da evolução política do seu país, a observação directa dos acontecimentos permitiu-lhe um estudo pormenorizado da catástrofe cujas responsabilidades pretende evidenciar. Dessa obra, a Parceria A. M. Pereira extraiu os capítulos das operações militares, reunindo-os em volume traduzidos por Pedro Paiva.

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPÃO PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpão Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Pungue»	6.290 T.
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

MEMÓRIAS DE CHURCHILL (Continuação da pág. 20)

Iha, as nossas patrulhas avançadas estacarem a observar qualquer coisa que se tinha atravessado no seu caminho. Depressa recebemos ordem para parar. Um dos meus camaradas, enviado em reconhecimento, voltava, pouco depois, com uma notícia decisiva. «O inimigo está à vista», exclamou êle radiante. «Onde», preguntámos nós. «Ali, não o veem? Olhem aquela mancha cinzenta. São êles». E prosseguiu no seu caminho.

Tínhamos notado todos aquela mancha escura no horizonte que se nos afigurava ser uma floresta. Do ponto onde tínhamos parado não se via muito bem o que se passava, nem mesmo com o auxilio dum bom binóculo. Entretanto, chegou um sargento que vinha dos postos avançados.

«Quantos são?» — preguntámos-lhe.

«Um bom exército, um excelente exército» — respondeu êle.

Logo a seguir veio ordem para destacarem um oficial subalterno cujo cavallo não estivesse cansado a-fim-de-auxiliar, no serviço de informação, o coronel que estava nos postos avançados. «O tenente Churchill», disse o chefe do meu esquadrão. Partiu a galope. Antes de chegar junto do coronel era necessário atravessar uma depressão e depois uma elevação de terreno.

«Bom dia», disse-me o coronel quando cheguei junto dêle. O inimigo começou a avançar rapidamente. Quero que parta para se informar pessoalmente da situação e que vá depois dar conta do que se passa ao «Sirdar». Êle está junto da infantaria.

BOLAS DE SABÃO

NOVELA DE EUGÉNIO VIEIRA

NA alquilaria, Tarócha arrancava, beatificamente, grandes fumaças ao cachimbo de cerejeira por êle próprio trabalhado.

A figura do velho trasbordava de característica. Rosto encardido, de faces balofas a escortinharem-se em rugas; nariz dum vermelho para denegrido, com seu ar elefantiaco; o queixo encarquilhado, do mesmo tom, e as nevadas farripas, de estafadas côres a sairem-lhe pelo debum do barretinho escasso, a completarem-lhe o caricatural retrato.

Fumava, fumava, e abismava o olhar, através do fumo esporzido, na penumbra pesada do grande casarão laceado, de paredes altas, onde, por frestas, a luz entrava para amortiçar-se no interior, a custo vencendo o enegrecimento de barrote, de onde pendiam, em grandes bambineas, as largas teias poeirentas.

A uns vinte passos, se tanto, sentado no lagêdo, brincava Jôjó, o neto. Soprava, por uma palhinha, bolas de sabão, arrancadas ao líquido contido numa velha, esboracada tigelinha de barro. Os pequenos balões erguiam-se, por momentos, voavam multicoloridos, à luz dos estreitos janelos, e, soprados pela aragem, recuavam para o interior, indo despedaçar-se de encontro às paredes, ou esborrifando-se por sobre os fardos de palha ou nas orelhas dos cavalos que, à manjadoura, a intervalos sopravam os seus *frrr* característicos, em tremura de beijos, ou batiam a pata a cada picada de môsca ou tabão importuno.

O velho, sempre bem disposto, uma prega irônica nas commissuras labiais, engastava um sorriso fino.

Comentou alto, chamando a atenção do neto:

— Jôjó, ô Jôjó! Olha! As bolas de sabão são tal qual as idéias que os homens e as mulheres fazem das suas pessoas: cada qual, nesta vida, julga-se muito, mas vem o sôpro da morte e... tudo acabou! — Arrancou três fumaças seguidas e quedou de olhar baixo e pensativo, numa soturdidade de alma, uma como dormência de que Jôjó o despertou, bradando-lhe:

— Avô! Conta uma história?

O velho desfranziu os beijos sorrindo:

— Ah! É só isso que queres?... Vamos lá! Houve, em tempos, nesta alquilaria, um cavalo muito mau... E muito pior teria sido se não tem morrido... E, uma vez que morreu, e não deixou memória já o que ia contar me esqueceu e... acabou-se a história!...

— Hum! resmungou o petiz. Eu já tenho dito ô avô, que não me conte dessas



Arrancou três fumaças seguidas e quedou de olhar baixo e pensativo...

pequenas: quero mas é uma das grandes.

— Das de lêgua e meia; das de fazerem sôno? Bom... bom. Talvez se arranje.

Tarócha bateu com o cachimbo, por três vezes seguidas, no môcho de pinho em que estava sentado, para despejar a cinza, meteu-o, vazilo, na bôca e continuou sorrindo.

— Avô, conte! — suplicou o petiz.

— Pois bem: lá vai, meu rapaz: Era duma vez um cavalo inútil, estafado e réles, magrizona e côxo, mas que, na sua vaidade se julgava alguém... como o outro que diz, um cavalo perfeito. Sabes, meu rapaz, isto é sempre assim, entre os cavalos como entre os homens: quem menos é, é quem mais se julga... bolas de sabão!... O mundo é, na maior parte, composto de gente vaidosa ou impostôra, que se julga muito e no fim de contas pouco vale. E olha que os que têm valor são os que menos dão por isso e menos apreço dão às suas pessoas... dizem a isso que todos têm que morrer e... por tanto, nada vale o ter vaidade. Que dizes a isto ô Jôjó?

O neto olhou o velho de fito, teve um sorriso calmo de entendimento, acenou a cabeça afirmativamente como quem compreendia a lição... cruzou os braços e esperou.

Tarócha reatava:

— Como te ia contando, o cavalo era côxo: uma questão de infortúnio: deralhe uma dôr ciática, ficara tolhido duma perna e não houve alveitar que lhe valesse. Acontece isso a muita gente boa... não há médico que os salve... O dono da alquilaria, por dô, disse:

— Deixem-no estar para aí! Como já não pode servir para puxar os trens de luxo, metam-no com algum mais plêca em serviços de carroça. Que coma e que descanse...

Assim se fez, e o estafado bucéfalo, por aqui ia arrastando a vida, mas como era muito vaidoso, cada dia que passava mostrava-se mais descontente... Depois de côxo, mostrou-se invejoso e cruel, e, vez nenhuma passava por cavalo de sêje ou de trem que não relinchasse em ares pimpões, como se fôsse a bêsta mais perfeita do mundo. Algumas vezes, mesmo, tentava disparar o seu coice. Tentava, mas não conseguia, porque lá dá-lo era impossível! Não se aguentaria em pé, coitado!...

E' claro que os outros cavalos não lhe davam trêla e diziam lá com os seus bôtões: «O pobre do côxo! Como manquêja, o bruto! Para que se firme tem de estender tôda a perna; depois, firmando-se na

(Continua na pág. 30)



Um lindo estabelecimento

A CASA Venancio do Nascimento, do Porto, que há um ano inaugurou a sua filial em Lisboa, na Rua Rodrigues Sampaio, devido ao bom acolhimento que a população do Sul lhe dispensou, resolveu aumentar a sua exposição, ficando com a parte debaixo do seu estabelecimento.

A Imprensa visitou recentemente o novo estabelecimento. A impressão que colhemos foi igual à dum conto de fadas! Ao descer a escada majestosa, apparece-nos um grande «panheux capitonné», a branco e ouro. No 2.º patamar, intervalado com o ferro forjado da escada, um caprichoso aquário. Continuamos a descer, e então todo o magnifico conjunto constitue uma verdadeira «féerie».

Ali se expõem: Um jardim de inverno 1930, um salão adornado com uma

grande gaiola com periquitos, uma sala de jantar com seu canto com fogão, um quarto de cama acolchoado, com o fundo da cama em prata, um escritório com motivos em couro branco, etc., etc., enfim, um verdadeiro sonho.

Saimos deste templo de arte com a convicção de que só com categorizados artistas profissionais decoradores, como são Venancio do Nascimento, é possível tirar os efeitos que ali se patenteiam tão exuberantemente. De resto, não era preciso mais esta prova, pois que as decorações dos Casinos de Espinho e da Póvoa, e tantas outras grandes obras, collocaram esta casa como das primeiras decoradoras do nosso País.

Esta nova secção abriu há dias ao publico, tendo sido visitada por numerosa e mui selecta concorrência.

CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

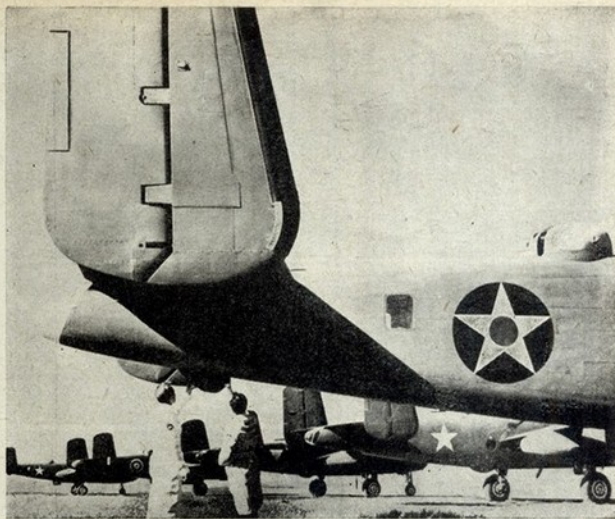
OS empenhamentos violentos entre alemães e russos, na região de Murmansk e entre russos e finlandeses, no longo do curso do Svir não bastam para caracterizar o recomeço em grande escala da luta na frente Leste. Também não se poderá atribuir essas características à intensa acção de «Luftwaffe» na Crimeia onde os combates se animaram sem terer, porém, assumido proporções avultadas. As últimas semanas foram de calma relativa e de relativa estabilização, consumidas nos preparativos febris para a nova fase da luta, a que há-de chamar-se a segunda campanha da Rússia. Apenas o episódio da Staraya Russa veio animar o quadro geral das operações, mas esse mesmo mal esclarecido, não permitindo sobre o que se passa nesse sector da frente formular um juízo seguro. Uma informação não oficial deu, em determinado momento, como restabelecido o contacto entre as forças cercadas do general von Busch, e o resto da frente alemã. Do lado russo a informação foi categoricamente desmentida.

O episódio da Staraya Russa,

como tantos outros desta gigantesca campanha, só mais tarde será devidamente esclarecido. De qualquer maneira, ele não bastaria para alterar o sentido geral de luta nesta fase: estabilização e preparativos febris dum e doutro lado.

É na natureza e na importância desses preparativos que se fixam as atenções gerais. Os alemães fizeram trabalhar as suas fábricas e oficinas durante o inverno; realizaram, ao mesmo tempo, uma série de conversações diplomáticas cujo objectivo fundamental foi o mesmo: mobilizar o maior número de homens possível para a segunda fase da Campanha.

O auxílio anglo-americano à Rússia é cada vez mais copioso. Em Londres afirma-se que oitenta por cento da produção britânica é enviada para os teatros excêntricos das operações, quer dizer, para a Rússia e para o Próximo Oriente visto que os americanos tomaram a seu cargo a parte mais importante dos fornecimentos no Extremo-Oriente. As linhas de abastecimento anglo-russas são cuidadosamente mantidas. O encontro



A aviação americana já está a combater na frente leste

naval do Ártico mostra até que ponto a Gran-Bretanha está interessada em manter livre a rota de Murmansk. O trabalho realizado pertinzamente nas estradas e nos caminhos de ferro do Iran bem como a ocupação de Madagascar significam que a linha de aprovisionamento que conduz por aquêlê país à Rússia se encontra suficientemente acautelada. Os fornecimentos anglo-saxónicos são hoje uma condição vital da resistência da

Rússia. No decorrer da nova campanha verifica-se que enquanto os problemas que se prendem com o recrutamento de pessoal preocupam Berlim é a questão do material que mais interessa a Moscovo, neste momento. Tudo indica que as operações de recrutamento realizadas no inverno e as obras de fortificação levadas a cabo pelos russos, desempenharão, no decurso dessa campanha, um papel de primeiro plano.

O ESFORÇO DA GRAN-BRETANHA (Continuação da pág. 8)

ocupação ainda tiveram que defrontar. Os «raids» à costa noroeste e francesa, às fábricas de Saint Nazaire e de Boulogne, aos portos da Mancha, são o pronúncio de uma acção cuja importância e possíveis consequências todos os países beligerantes conhecem. Durante mais de dois anos e meio os soldados da Gran-Bretanha têm-se batido incansavelmente entre o círculo polar Ártico e o Equador, em França, na Grécia, em Creta, no norte de Africa, no Próximo Oriente e Extremo Oriente. Ainda neste momento os encontramos na Líbia, no Irak, no Irão, na Birmânia, centros vitais de resistência, bases seguras para futuras e prometedoras ofensivas. Para os fazer chegar aos pontos de destino, para os armar e equipar convenientemente, — quantos esforços, quanta pericia, quanta inteligência dispendida? — no percurso de mais de dez mil milhas a percorrer para que os soldados da Gran-Bretanha tenham à sua disposição as armas e os equipamentos modernos que decidem da sorte das batalhas. Esses soldados, no fim de 1941, representavam 70 por cento das perdas sofridas por tôdas as forças imperiais. Este número, só por si, fala com suficiente eloquência do espírito de sacrificio com que se têm batido. Ao mesmo tempo, 80 por cento da produção total das fábricas britânicas são enviados para fora da Metrópole, para a Rússia, para a Africa, para o Próximo e para o Extremo Oriente.

A defesa da ilha britânica, do Egipto, a ocupação da Líbia, do Irak e do Irão traduziram-se por uma transformação radical no curso da guerra que as potências do «eixo», pelos seus métodos de guerra-relâmpago, pensavam poder levar rapidamente até à vitória total.

O Atlântico, o Mediterrâneo, o Indico continuam a ser sulcados pelos barcos ingleses que a tôda a parte levam os recursos incontáveis do Império. Estes, conseguindo assegurar o seu sistema de comunicações, realizou a condição essencial que assegura a sua superioridade. A tarefa realizada, no conjunto gigantesco da guerra, pelos soldados da Gran-Bretanha tem sido decisiva. No próximo número nos referiremos à parte desempenhada pela armada e pela aviação britânicas.



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



M'CAMPOS

Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE
EZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

MÁQUINA
DE ESCREVER
NÃO ERA
CONHECIDA
ATÉ QUE
EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU
A PRIMEIRA

MÁQUINAS:

- Comerciais
- Portáteis
- Somar
- Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO
COM PESSOAL
ESPECIALIZADO

Ficheiros

KARDEX

e Arquivos

LISBOA

Rua da Misericórdia 20-1.º
TELEFONES: 21802-21803

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 69-2.º
TELEFONE: 1 276



BOLAS DE SABÃO

(Continuação da pág. 28)

outra, quasi dá um pulo. Só anda aos galgões... E relinchavam assim como quem trocava dêle. Eu parece-me que os relinchos são os risos dos cavalos... Mas o côxo ouvia-os, olhava-os de soslaio, como cavallo que tinha a sua fígada... Então, relinchava também, e às vezes perdidamente... Vaidade e mais vaidade!... Bolas de sabão!...

Assim correram os tempos e as coisas, até que um dia, para se vingar dos que dêle se riam, conseguindo equilibrar-se um pouco disparou um coice, mas caiu tão desastrosamente que partiu uma perna... Não sei se sabes que uma perna partida num cavallo é coisa que não tem cura e... era uma vez um cavallo vaidoso e mau que lá foi apodrecer para o guano... E assim findou o desgraçado do soberbo... Bolas de sabão!...

Tarôcha calou-se, tirou da algibeira a onça de tabaco e pôs-se a encher o cachimbo. Acendeu-o e principiou fumando.

— Avô, já acabou?
O velho acenou a cabeça afirmativamente, o riso irónico a espreitar-se-lhe no rosto.

Jójo levantou-se, fitou o avô um tanto profundamente, baixou-se, pegou na tigelinha de barro, alteou-a a cima da cabeça e atirou-a ao lagedo, despedaçando-a. A seguir meteu as mãos nos bolsos e, pernas em compasso, olhava fixamente o avô. O velho alargou ainda mais o seu sorriso, arrancou umas três fumaças seguidas e disse, sentenciosamente:

— Estás um homem Jójo!...

Eugénio Vieira

A Holanda em Portugal

(Continuação da pág. 13)

1890, empunha o cetro holandês, salientando, por forma iniludível, a ternura respeitosa com que todos os seus compatriotas as amam e admiram, tendo nelas inabalável confiança acerca dos destinos do seu país.

Enquanto conversávamos com o barão van Pallandt, vi-nham-nos à memória algumas páginas de um dos mais belos livros da língua portuguesa, *A Holanda*, em que Ramalho Ortigão fez uma completa e fulgurante descrição daquele país, da sua população e dos seus costumes, e não pudemos deixar de conjugar o que estávamos ouvindo com o que a pena de Ramalho em rica e sugestiva prosa, deixou dito, como a fazer-nos lembrar, na quella hora de delicado entretenimento, o que nos estava citando o nosso amabilissimo interlocutor.

S. Saboya

★
**A ARTE
FOTOGRAFICA**

★ A fotografia é uma arte que requiere profundos conhecimentos técnicos. O fotógrafo já não pode ser hoje o amador que se profissionaliza, porque assim o quere. Há hoje cursos especiais de operadores e tecnicos de laboratório. Eis, numa dessas escolas o estudo de uma curiosa composição fotografica

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete «QUANZA»

Sairá no dia 30 do corrente pelas 16 horas
recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa
: : : Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação : : :

Importante: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 8 horas do dia 29 com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

SÉDE: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 (6 linhas)
LISBOA

SUCURSAL: R. Infante D. Henrique 73 r/c. — tel. 1 434
PORTO

CINEMA

HOLLYWOOD E A GUERRA

A guerra absorve, por completo, a gigantesca máquina cinematográfica americana. Quasi todos os estúdios de Hollywood foram forçados a alterar os seus programas de produção, em virtude de se reconhecer a necessidade, imposta pelas circunstâncias, de se fazerem filmes focando acontecimentos bélicos susceptíveis de apaixonar tôdas as zonas do público. Vejamos o que se está produzindo neste capítulo:

A Paramount realiza «Wake Island», cuja acção nos desdobra múltiplos aspectos sôbre a defesa daquela posição americana, no Pacífico; e «Listening Post» (Posto de escuta), que foca um tema de espionagem desenrolado à margem das estações de Rádio.

A Republic Pictures apresenta, na sua lista de produção, alguns títulos de filmes que revelam grande oportunidade dos assuntos neles versados: «Remember Pearl Harbour»; «Yanks over Burma Road»; «International bandit»; «Interceptor Commands»; e «Wings over Alaska».

O produtor Edward Small vai realizar, brevemente, «Yellow Peril» (Perigo amarelo) e «Yellow Menace» (Ameaça amarela).

A Columbia Pictures procede, actualmente, à filmagem de «Bombing of Honolulu» (O bombardeamento de Honolulu).

A Fox tem em produção «Secret Agent of Japan» (Agente secreto do Japão); «The Stolen Bombsight»; «Pearl Harbour Pearls»; «Men of the Fleet»; e «Tobruk».

A M. G. M. vai iniciar a realização de «Sunday in Hawaii». O produtor David O' Selamick prepara a filmagem de «V for Victory» e «Aloha Oe».

A Warner Bros iniciou a feitura de «My four year in germany».

A. L.



Laraine Day, a formosa intérprete dos filmes da série «Dr. Kildare»



Uma imagem do novo filme «A date with destiny», com Ellen Drew e John Howard

INTERPRETAÇÕES DE BETTE DAVIS

«The Letter», de Somerset Maugham encontrou em Bette Davis uma intérprete admirável como era de esperar, e em face dos cuidados especiais que presidiram à sua cinematização, resultou um filme de excepção. Através dele desenha-se, com a perfeição das obras definitivas, o carácter duma mulher estranha. A sua complexidade dramática proporcionou um estudo corajoso, acentuadamente psicológico, enquadrado numa atmosfera sombria, na qual domina uma alma ennegrecida pela paixão: — Bette Davis, cujo talento é a grande atracção deste poderoso drama de uma mulher que, para se libertar do homem que ama, não hesita em o matar.

Bette Davis é, neste filme, pela expressão típica da máscara, pela sinceridade de alma, pela quantidade de emoção que a sua voz carrega, a maior vedeta do seu tempo. Se nesta sua inolvidável criação há arte, que representa estudo, há também instinto, centelha, paixão, em suma: uma irremediável força dramática que já mais se esquece.

MUNDO GRÁFICO



As esquadras
inglês
e americana,
mais fortes
do que nunca,
vencerão
a
guerra